

A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA AFRICANA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Jaíne de Sousa Barbosa (UFCG)¹
Jéssica Pereira Gonçalves (UFCG)²
(Orientadora) Márcia Tavares da Silva (UFCG)³

RESUMO

Trabalhar com literatura africana em sala de aula é também tratar sobre uma cultura que está cercada de preconceitos e que é pouco explorada nas escolas e universidades. Sob essa premissa, este texto resulta de um relato de experiência docente ocorrido durante o componente curricular *Estágio de Literatura: Ensino Fundamental*, da Universidade Federal de Campina Grande. Durante essa pequena experiência pode-se constatar a importância de se trabalhar com tal temática, a fim de se combater, através do conhecimento, preconceitos aceitos e propagados pelos alunos. Utilizamos como base teórica norteadora de nosso trabalho autores como Hernandez (2005), Lopes (2005), Cosson (2014) dentre outros.

Palavras-chave: Literatura africana. Ensino. Educação básica.

1. INTRODUÇÃO

Está previsto pela lei 10.639 do ano de 2003 que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira devem ser ministrados nas escolas de educação básica. No entanto, o que observamos é que, passados mais de 10 anos, na maioria

¹ Jaíne de Sousa Barbosa, graduanda do Curso de Letras – UFCG. Email: jaíne.barbosa_@outlook.com

² Jéssica Pereira Gonçalves, graduanda do Curso de Letras – UFCG. Email: jessica.pgs2@hotmail.com

³ Profª Drª Márcia Tavares Silva, professora do Curso de Letras – UFCG. Email: tavares.ufcg@gmail.com

das escolas a lei não é cumprida e quando isso acontece o ensino torna-se superficial, pois se restringe a apenas um dia do ano, 22 de novembro, data oficial da Consciência Negra.

Como sabemos, é impossível sintetizar todos os aspectos referentes à cultura africana em um único dia. Dessa forma, os alunos têm conhecimento de uma parcela muito escassa de informações sobre um continente tão rico como o africano. É notório, ainda, o fato de ser explicitado em sala de aula apenas o que tange à escravidão e à dívida histórica que o Brasil tem para com a África. Entendemos que esses aspectos, embora devam ser trabalhados na escola, não podem ser julgados como o único caminho que o professor pode e deve tomar quando buscar trazer um pouco da África para a sala de aula.

O trabalho aqui presente é fruto do relato de experiência produzido durante o componente curricular *Estágio de literatura: Ensino Fundamental* da Universidade Federal de Campina Grande, PB. Foram ministradas 06 horas/aulas em uma turma de 7º ano de uma escola pública do mesmo município.

Durante essas aulas, foi aplicada na turma uma sequência didática que segue os moldes propostos pelo Cosson (2014) e divide-se em quatro momentos centrais: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. A sequência aplicada surgiu da necessidade de se trabalhar, já nas séries do ensino fundamental, um pouco da literatura africana, acreditando ser a literatura uma representação da cultura de um povo. Dessa forma, durante as aulas, a estagiária levou para a turma contos de tradição oral africanos, bem como contos africanos de adivinhação, com o objetivo de fazer com que os alunos conhecessem sobre essa tão influente cultura.

Outro objetivo central de trabalhar com a temática era levar os alunos a excluirmos preconceitos quanto ao povo africano, uma vez que percebemos que muitas dessas ideias pré-concebidas ainda são reinantes quando o assunto é África. Em diversos momentos das aulas, a estagiária deparou-se com discursos carregados de preconceito.

Para embasarmos nossa pesquisa, além de Cosson (2014), que nos apresenta a noção de letramento literário e nos traz o modelo de sequência básica por nós adotada, contamos com o apoio de Hernandez (2005), Benjamin (2006), Lopes (2005), autores que nos proporcionam noções fundamentais sobre o ensino da cultura africana em sala de aula.

A pesquisa encontra-se dividida em dois momentos centrais: no primeiro, apresentamos algumas constatações teóricas cunhadas pelos autores citados a fim de ratificar a importância de se trabalhar com tal temática em sala de aula. No segundo momento, apresentaremos os resultados obtidos na turma, durante a execução da sequência que abaixo mostraremos. Nesse momento prático da pesquisa, lançaremos mão de algumas respostas obtidas nas atividades realizadas em sala (referentes aos contos lidos junto com os alunos), bem como a atividade com as imagens que será abaixo ilustrada.

2. UM POUCO DE TEORIA: POR QUE LEVAR A LITERATURA AFRICANA PARA SALA DE AULA?

Uma constatação facilmente percebida é a de que quando o assunto é África entra em cena uma série de preconceitos e estereótipos. Muitos não conseguem perceber que não existe uma forma de conceituar a África (assim como a nenhum outro lugar) de modo homogêneo, pois a palavra que melhor caracteriza esse lugar é a heterogeneidade. Essa noção precisa ficar clara quando o professor buscar apresentar em sala de aula o continente africano. Mas, afinal de contas, de onde vem tanto preconceito, que perdura há séculos e continua firme nos dias atuais?

O conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento sobre o referido continente. (HERNANDEZ, p. 18, 2005)

Pelo que nos apresenta Hernandez, tais noções equivocadas sobre o continente vêm desde muito se firmando, sobretudo devido à falta de conhecimento que se tem sobre o continente africano e isso se aplica não só a ele, mas a qualquer lugar cuja cultura seja desconhecida. Percebemos que o senso comum não conhece o suficiente sobre África; há muitos estereótipos, noções maldosamente pré-concebidas e informações que só abarcam as desventuras do lugar, sem apontar para a pluralidade cultura, ambiental e histórica que o continente possui.

Sendo assim, fica evidente que é de extrema importância fazer com que esses preconceitos sejam desfeitos e o melhor método para que isso ocorra já foi aqui mencionado: o conhecimento. Dessa forma, direta e indiretamente, chegamos ao ensino. Já não é novidade a obrigatoriedade do estudo dos conteúdos referentes à História e cultura Afro-Brasileira. No entanto, por diversos motivos, observamos que embora essa lei já esteja em rigor há mais de 10 anos, o ensino não ocorre e quando ocorre não acontece de forma satisfatória. Analisemos um pouco o que nos traz a lei:

Art. 26A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira. (Lei 10.639/03 *Apud* BENJAMIN, 2004, p. 07).

Podemos perceber que o objetivo da lei é fazer com que o ensino sobre o continente seja ministrado de forma abrangente, incluindo tanto a história desse povo como também a sua cultura e, como sabemos tratar de cultura envolve diversos aspectos. Assim sendo, o professor não pode chegar a pensar que explicar como ocorreu o processo de escravidão serve para fazer com que o aluno saiba o que é

África. Muitos estudiosos afirmam que levar o assunto da escravidão para sala de aula é importante, mas que só ele não é o bastante e que começar por esse aspecto também não é interessante, pois leva o aluno a pensar que África é só isso, e como estamos vendo não é.

Quando tratamos de África estamos nos referindo a um continente amplamente rico em recursos naturais, em paisagens magníficas, animais exóticos, em danças, em música, em arte, em religião. Sendo assim, um ensino eficiente, que pretenda levar para o aluno um pouco de conhecimento sobre o continente africano, deve levar essa multiplicidade de aspectos em consideração, como nos aponta Hernandez, ao tratar sobre a heterogeneidade característica do continente,

(...) Dito de outra forma, houve nova valorização ao se identificar as especificidades históricas de um continente que é um verdadeiro mosaico de heterogeneidades, uma totalidade caracterizada pela complexa diversidade cultural de seus povos. (HERNANDEZ, 2005, p.25).

Dessa forma, surge a pergunta: e como podemos abordar essa temática tão abrangente em sala de aula? A literatura pode ser um dos caminhos possíveis, isso porque por meio da dela temos a oportunidade de conhecer um pouco sobre como vivem as pessoas de outras épocas e de outras regiões, quais são os seus costumes, suas crenças, seus valores, sua culinária, suas riquezas materiais ou não. A literatura é um caminho favorável para se obter conhecimento sobre outros mundos, nesse caso, sobre o mundo africano.

Quando tratamos de literatura africana, é indispensável entender sua gênese na oralidade, essa que é o meio pelo qual os valores são repassados de pais para filhos, de filhos para netos, de geração em geração, fazendo com que a história do povo antepassado seja conhecida nos dias atuais, preservando assim a cultura de uma população. “A herança literária africana ficou na oralidade que vem sendo registrada por pesquisadores ao longo do tempo. Este é o caso dos contos populares e dos provérbios, alguns recolhidos ainda em língua africanas.” (BENJAMIN, 2006, p. 124).

Portanto, quando vemos um livro que recolhe contos de tradição oral ou de lendas, de fábulas ou de tantos outros gêneros, estamos diante de textos de origens remotas e carregados de ideologias. Através das histórias dos personagens, temos a representação da vida real, de homens e mulheres que lutam diariamente e morrem gloriosamente (ou não), temos um registro do passado e do presente de um povo guerreiro, heróico e, infelizmente, muitas vezes esquecido.

Através desses textos o professor tem a oportunidade de trabalhar com seus alunos em sala de aula diversos aspectos do continente africano. Ele pode destacar questões como valorização e representação da figura do idoso, da mulher, da infância, pode ainda remeter-se a culinária, a dança, aos elementos da natureza presentes nos textos. Através da literatura ele pode fazer com que o aluno saiba algo a mais do que as páginas tristes da história africana. Além de trabalhar com todos esses fatores, o educador poderá explorar a pluralidade na linguagem e com isso destacar o trabalho estético, imaginário e linguístico de um povo, que estarão potencialmente marcados nos textos literários, que apresentam uma linguagem esteticamente trabalhada e abre espaço para que percebamos traços sociais, políticos, culturais através dos escritos.

Por meio de um ensino consciente sobre a África, o professor estará também combatendo algo ainda muito presente nos dias atuais: o preconceito. Isso porque desde a antiguidade o termo *africano* ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas, tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo.” (HERNANDEZ, 2005, p. 18). É visível que aqui a ausência do conhecimento de mundo como um todo e do continente, conseqüentemente, abre espaço para uma série de males, sendo um deles o racismo. Diante disso, faz-se necessário remetermo-nos a Lopes (2005), que nos apresenta uma importante constatação a esse respeito, segundo ela:

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia

que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. (LOPES, 2005, p.189)

Acreditamos que apenas por meio da educação, promotora de conhecimento, é que essas intolerâncias podem ser desfeitas. O professor precisa fornecer ao aluno subsídios para livrar-se de todo tipo de preconceito, só assim poderemos ter de fato uma educação libertadora e transformadora, que respeita e valoriza outras culturas tão ricas quanto a nossa.

3. COLOCANDO EM PRÁTICA: COMO FOI O TRABALHO EM SALA DE AULA

A sequência para a ministração das aulas foi elaborada tomando como base de estudos o gênero literário *Conto de tradição oral africano*. Escolhemos trabalhar com esse tipo de texto porque acreditamos ser de extrema importância que os alunos tenham conhecimentos sobre culturas diversas, como é o caso da cultura africana. Esse assunto, embora seja importante, muitas vezes não é estudado em sala de aula, o que ocasiona uma grande perda para a formação escolar dos alunos, que saem da escola com uma visão equivocada sobre essa cultura e literatura tão plural.

3.1 PARA COMEÇO DE CONVERSA: AS IMAGENS

Para o momento da motivação, buscamos apresentar para a turma diversas imagens que exploravam um pouco do continente africano. Foram utilizadas figuras diversas da fauna, da flora, do progresso, das pinturas, da dança, dos rituais religiosos e dos africanos. De início, foi entregue uma folha contendo as imagens e, em seguida pedimos para que os alunos, após analisá-las, selecionassem um título geral para elas e que criassem também pequenas legendas para cada uma das figuras. Durante essa atividade um dos alunos, preconceituosamente, relatou à professora que não seria

bom trabalhar com a cultura e literatura africana, pois eles poderiam se contaminar com o Ebola.⁴

Vemos a partir desse exemplo particular e de alguns outros compartilhados pelos alunos da sala, a importância de se trabalhar com a temática da África, afinal a escola também é um local adequado para se combater todo e qualquer tipo de preconceito. E por isso escolhemos textos literários que pudessem trazer a África para além da pobreza e das doenças, mas como um lugar rico em cultura e diversidade. Através da literatura, os educandos poderiam adentrar no mundo da fantasia de um continente extremamente rico e compreender que, assim como a nossa, a cultura deles também é marcada por heterogeneidade.

Em linhas gerais, a atividade com as imagens foi proveitosa, pois os alunos puderam identificar a temática que iria ser trabalhada durante as aulas através da análise de textos não verbais. Vale destacar que apenas um dos alunos não identificou a temática através das imagens, inserindo a legenda “o mundo brasileiro”, ainda que, embora não tenha efetivamente explicitado isso, ele fez uma associação entre a cultura africana e a afro-brasileira.

3.2 ATIVIDADE 01- APROXIMANDO CULTURAS?

Realizamos a leitura do conto “As duas moças bonitas como melancia”, de Yves Pinguilly (2005), Ele conta a história de duas amigas. Uma das meninas vai embora com um caçador e a outra, com saudade, resolve visitá-la. Quando chega ao novo lar, a garota resolve cozinhar e todos gostam muito dos pratos que ela prepara. O caçador, interessado na comida da nova jovem, manda embora sua atual esposa e afirma querer casar-se com a outra. Ambas não aceitam essa decisão e resolvem fugir juntas. Na mata elas se escondem de dois leões que, demonstrando os aspectos místicos do

⁴ Na época em que os textos foram lidos, os noticiários apresentavam reportagens sobre a epidemia do vírus ebola na África e isso causava certo temor de que o vírus pudesse se espalhar para outros continentes.

texto, se transformam em dois irmãos que se casam com as duas moças bonitas como melancias.

Pedimos para que os alunos destacassem as palavras desconhecidas após a leitura. No momento de interpretação, buscamos fazer um contraponto entre a cultura brasileira e a africana, através da identificação das características atribuídas à mulher. Por meio do incentivo, os alunos puderam perceber algumas características da cultura africana através do texto e observaram também que a forma como a mulher é descrita se difere muito da brasileira, uma vez que no texto as formas físicas avantajadas representam a beleza e a fartura da mulher. No Brasil, são comparadas às frutas, mulheres que possuem curvas do corpo bem delineadas e algumas partes desse avantajadas (os seios, as nádegas e pernas). Se levarmos em conta o termo *melancia* no texto, veremos que as mulheres poderiam estar acima do peso e isso representaria sua feminilidade, no entanto se trouxermos para nossa realidade, isso indica que ela possui grandes nádegas, e, por esse motivo, são comparadas à fruta.

Observemos uma das respostas dadas por uma aluna, no momento de interpretação textual.

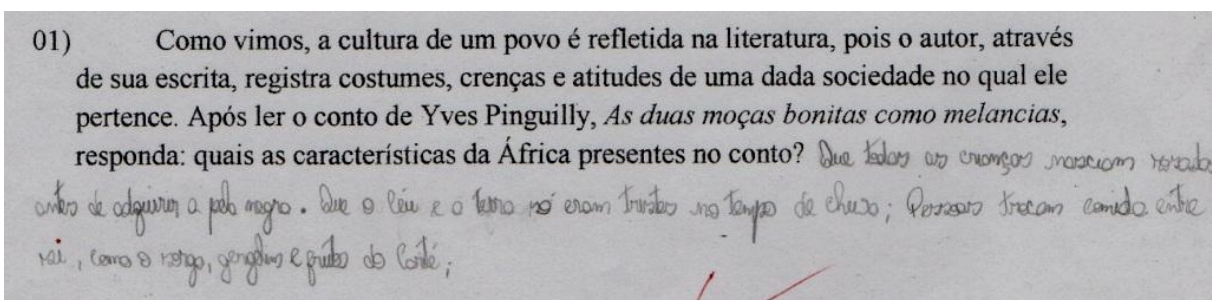


Figura 1: Questionamento elaborado pelas estagiárias e resposta dada pelo estudante.

Após a discussão oral sobre o texto, buscamos, através dessa questão, constatar se os alunos puderam perceber algumas das características do povo africano presentes no conto, tal como a representação da mulher, os elementos da natureza, a culinária, dentre outros. E como vemos pela resposta dada pela aluna, esse objetivo foi alcançado, pois ela conseguiu detectar alguns desses aspectos presentes no conto.

Encontramos abaixo a resposta dada por outro aluno ao ser indagado sobre a representação da mulher na cultura africana e na brasileira.

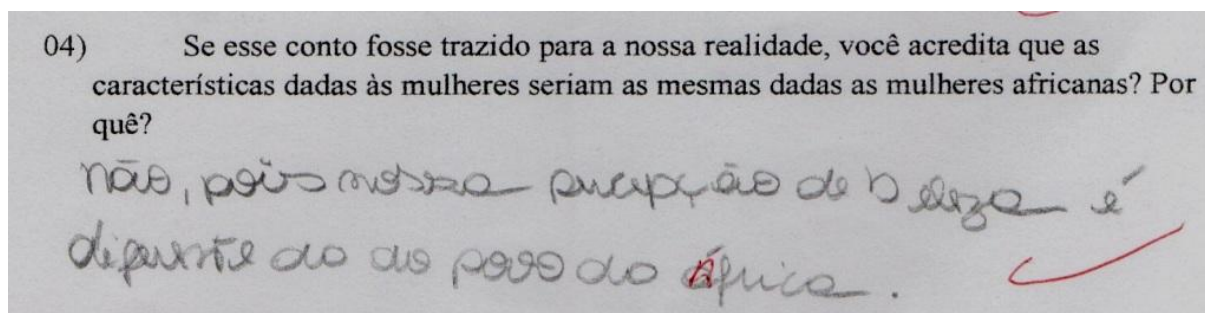


Figura 2: Questionamento elaborado pelas estagiárias e resposta dada pelo estudante.

Mais uma vez podemos constatar que o aluno conseguiu alcançar nosso objetivo ao elaborar a questão, uma vez que ele foi capaz de refletir sobre o conceito de beleza, que também é cultural, e, portanto, modifica-se no tempo e no espaço. Embora não utilize esses termos percebemos que o discente consegue constatar que a cultura, o tempo e o espaço são determinantes quando o assunto é representação feminina.

3.5 ATIVIDADE 02- CONTO DE FADAS AFRICANOS?

Outro conto lido foi “Uma é assim, a outra assado”, também de Pinguilly (2005), que conta a história de duas irmãs, Yassedi, a irmã boa e Suniguê, a má. Durante o conto percebemos a presença constante do maniqueísmo representado pelas irmãs, enquanto Yassedi é sempre boa, Suniguê é sempre perversa e por essa razão, a primeira é recompensada, pela figura do ancião feiticeiro, a última é severamente castigada, por ser má. Trechos?

Após a leitura buscou-se levar os alunos a perceberem as características do conto de tradição oral presentes na narrativa. Explicitamos que contos como aqueles que haviam sido lidos tiveram sua origem através da oralidade e que os responsáveis,

por contar essas histórias, eram os velhos ancestrais, os Griots, que tinham como objetivo transmitir ensinamentos através das narrativas. Essas são marcadas pela presença de feiticeiros, de lendas diversas, de animais falantes e finais felizes para a personagem boa e triste para a personagem má. Foi destacado para a turma que esse gênero se aproxima muito dos contos de fadas, e os alunos conseguiram perceber a relação existente entre os gêneros.

Após essas considerações feitas oralmente, entregamos para a turma uma atividade escrita que contemplava as discussões feitas em sala. O objetivo de tal atividade era fazer com que os alunos refletissem sobre as características maniqueístas presentes no conto e a consequente associação da ideia repassada no conto de que os bons sempre são recompensados e os maus castigados por sua maldade. Recorreu-se também ao aspecto místico presente na narrativa. Uma das questões explorava a imagem dos feiticeiros presentes no conto e o papel desempenhado por eles em “Uma é assim, a outra assado”. Vejamos a imagem seguinte:

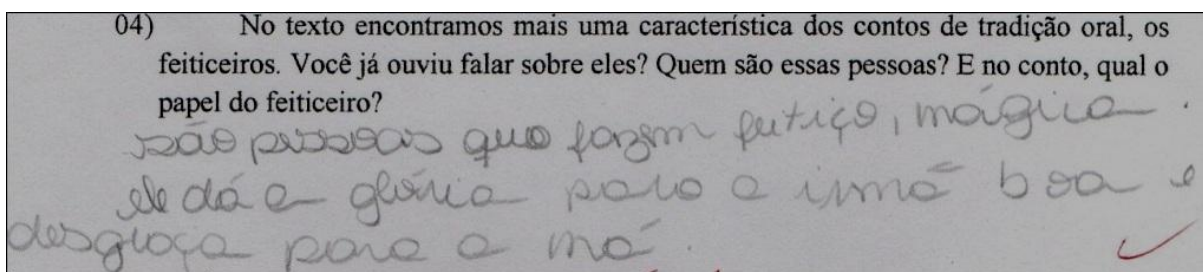


Figura 3: Questionamento elaborado pelas estagiárias e resposta dada pela estudante.

Pela resposta dada pela aluna podemos constatar que ela conseguiu identificar qual o papel dos feiticeiros, relacionado ao aspecto místico, assim como conseguiu identificar também sua função na narrativa lida, a de recompensar a irmã boa com riquezas e castigar a irmã má, atribuindo-lhe maldição.

Além desse, buscamos trabalhar outro aspecto característico desse tipo de texto, a linguagem utilizada, por meio das respostas fornecidas pelos alunos pudemos constatar que após as discussões realizadas junto com as estagiárias a turma conseguiu

identificar as características próprias da linguagem utilizadas nos textos. A título de exemplo analisemos a seguir a resposta dada pela mesma aluna para a questão da linguagem. Analisemos:

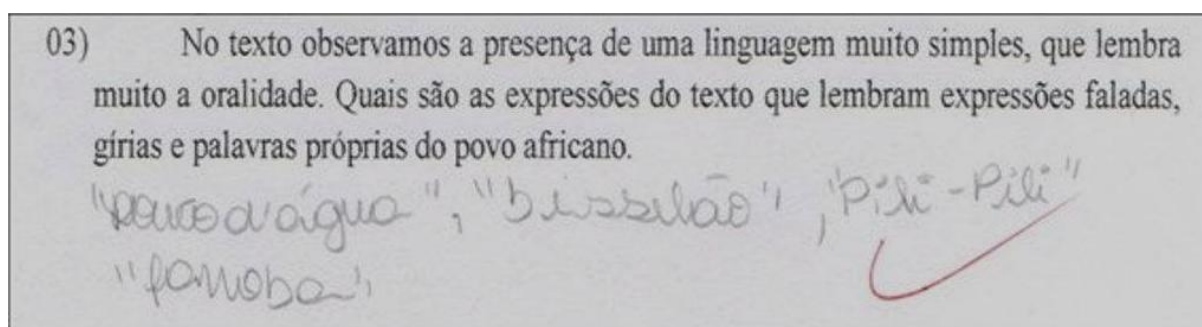


Figura 4: Questionamento elaborado pelas estagiárias e resposta dada pela estudante.

Diferentemente de muitos alunos que não compreenderam, *a priori*, o objetivo da questão, observamos que essa aluna conseguiu, parcialmente, identificar o que era solicitado, pois destacou algumas palavras provenientes do léxico africano, bem como identificou o uso da expressão “pouco d’água”, que embora não seja uma gíria ou frequentemente utilizada no português brasileiro, está presente no de Portugal e nos países africanos lusófonos.

3.6. ATIVIDADE 03- COMPARANDO OS GÊNEROS: CONTO DE TRADIÇÃO ORAL E FÁBULA

Também foi realizada a leitura da fábula “A raposa e o queijo” e estabeleceram-se junto com a turma as semelhanças desse tipo de texto com os contos de tradição oral africano. Alguns pontos foram destacados pelos alunos, como a presença de animais falantes, configurarem-se como textos curtos e trazer um ensinamento. Chamamos a atenção da turma para outros aspectos como a presença da moral na fábula, item não encontrado nos contos africanos, mas que poderia ser adicionado, já que, assim como as fábulas, os contos também trazem um ensinamento para o leitor.

Em seguida foi lido em sala o conto “Adbu, o cego e o crocodilo”, de Pinguilly (2005). Esse conto apresenta a estória de um espertalhão, Adbu, que propõe ao seu chefe uma caçada de crocodilo, o primeiro que achasse o animal seria recompensado financeiramente. Acontece que esse era apenas mais um plano da personagem, que antes de propor tal desafio já havia matado um crocodilo e escondido na mata. No entanto, o plano não se concretiza, um cego, conhecedor das malandragens de Adbu, encontra o animal escondido na mata e afirma o ter matado, portanto seria ele o vencedor do desafio. Por mais que Adbu afirmasse ter sido ele quem matara o animal, ninguém acredita na sua versão, pois o dito sempre mentia sobre tudo, porque não estaria mentindo novamente? Percebe-se então, através da leitura do conto que esse também apresenta uma moral, dessa forma, também transmite um ensinamento, o que constitui uma característica forte dos contos de tradição oral. Por essa razão foi realizada a leitura tanto do conto como da fábula para que os alunos percebessem que há algumas semelhanças estruturais e também temáticas entre os textos trabalhados. Trechos?

Elencadas essas características, os alunos foram solicitados a realizarem uma atividade interpretativa comparando os gêneros estudados em sala. As questões exploravam a identificação da temática presente em ambos os textos, das características compartilhadas e a criação de uma moral para o conto lido em sala. As respostas para essa última questão foram extremamente criativas. Como veremos abaixo, ao destacar uma das respostas fornecidas pelos alunos:

03-Vimos que a fábula apresenta uma moral e o conto, embora traga um ensinamento assim como a fábula, não apresenta. Pedimos então para que você releia o conto *Abdu, o cego e o crocodilo* e crie uma moral para ele.

Todo espertalhão sempre encontrará alguém mais esperto do que ele.

Figura 5: Questionamento elaborado pelas estagiárias e resposta dada pelo estudante.

Ao trabalhar com textos de uma cultura distinta e “desconhecida” pelos alunos, temíamos que eles rejeitassem tal proposta. No entanto, no decorrer do trabalho, embora tenhamos encontrado algumas barreiras como o próprio preconceito dos alunos, constatamos que todo o esforço desempenhado foi recompensado, pois os alunos envolveram-se com a leitura dos textos e com as atividades propostas e demonstraram que o objetivo pretendido foi atingido: levar aos alunos um pouco da cultura africana através de textos literários próprios desse continente.

4. CONCLUSÃO

Após a experiência obtida durante esta pequena pesquisa-ação, pudemos constatar quão gratificante pode ser o trabalho com a literatura africana em sala de aula, e isso se dá por diversos aspectos. O primeiro deles, como foi pretendido deixar claro no decorrer do trabalho, foi a chance de oportunizar aos alunos a experiência de conhecer ao menos um pouco sobre outra cultura tão rica como é a africana. Só por esse aspecto o trabalho já seria recompensador. No entanto encontramos outras razões para trabalhar com essa temática em sala de aula.

Uma tão importante quanto à primeira é a destruição dos estereótipos. Os alunos chegam à sala de aula, muitas vezes, contaminados de pré-noções em relação a todos os aspectos possíveis: à mulher, ao idoso, ao nordestino, ao estrangeiro, ao africano e outros. Desfazer estereótipos em sala de aula é tão, ou até mais importante do que repassar regras de matemática, de gramática ou de qualquer outro conteúdo que poderá ser facilmente esquecido pelo aluno. Desfazer estereótipos irá ajudar o discente a enxergar com olhos livres a inutilidade de enquadrar as pessoas, as atitudes e escolhas delas, as culturas e demais elementos em espaços imutáveis, pois tudo está em constante mudança e por isso nada é facilmente definível. O respeito à diversidade faz-se necessário desde a infância.

Quando acreditamos nos estereótipos, acabamos sendo preconceituosos, e isso não é positivo para nós, enquanto futuros educadores, e para os alunos. Acreditamos

que, depois de algum tempo muitos não saberão quais textos foram lidos durante as aulas do estágio, no entanto acreditamos também que pelo menos um deles irá lembrar-se da imagem das crianças africanas sorrindo e irá repensar suas atitudes antes de enquadrar a África como um lugar onde só existe tristeza e miséria. E se isso ocorrer todo o nosso trabalho terá sido recompensado.

Esperamos que nossa pesquisa possa servir como exemplo para que outros professores consigam levar para sala de aula a África como ela verdadeiramente é: um campo heterogêneo e encantador. Acreditamos que o estudo sobre as diferenças pode fazer a diferença, e que assim seja.

REFERÊNCIAS

A raposa e o queijo.

Disponível em: < <http://asfabulasdeesopo.blogspot.com.br/2012/12/a-raposa-e-o-queijo.html>> Acesso em 24/Set/2014.

BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira.** João Pessoa: Editora Grafset, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2014.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOPES, Véra Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação: procedimentos didático pedagógicos e a conquista de novos comportamentos.** In: **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PINGUILLY, Yves. **Contos e lendas da África.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.